

ARI CUNHA

Visto, Lido e Ouvido

Uma triste memória da construção de Brasília

No sentido popular, o filósofo é um homem de experiência, mas fora do mundo, com suas teorias e seu ar de distanciamento das realidades. Isto, no campo popular.

Pois bem. No meio de todo esse tiroteio que vive a democracia brasileira, aparece um filósofo à moda antiga, embora seja um grande intelectual e excelente jornalista, para defender a volta da capital ao Rio de Janeiro.

Quem defende essa tese é tanto quanto o meu conterrâneo Gerardo de Mello Mourão, que por aqui andou aos tempos do José Aparecido, pontificando no Palácio do Buriti.

Pois não é que o Gerardo fez um artigo de terceira página para dizer que Brasília é a utopia, que Juscelino não tinha contato com os livros da história da humanidade e que por isto resolveu fazer a cidade.

E diz horrores de Brasília, que para ele é razão de todos os males, de tudo de ruim que acontece no País. Foi por causa de Brasília, diz o Gerardo, que Jânio renunciou, que Jango foi deposto, que houve o movimento militar, que existe PC, PP e quem mais o valha. Tudo é culpa de Brasília, que foi feita para ser capital, quando, ao olho da história, a cidade é que deve fazer o País.

Neste mesmo caso, o Gerardo comete um erro histórico também, porque a mudar a capital, bem que poderíamos ir para Salvador, que foi a primeira e que não deixa de ser um bom lugar.

No frigir dos ovos, o que estranha é um homem usar tanta inteligência, tanta cultura para escrever sobre um tema destes, quando o mundo que ele conhece vive tantos problemas e o País onde ele nasceu está à beira de uma explosão por tudo que tem havido na nossa política.